

Boa noite.

Cumprimento as autoridades que fazem parte desta mesa, o Ministro do MCTIC **GILBERTO KASSAB**, o Comandante interino da Marinha e Chefe do Estado Maior da Armada , Almirante de Esquadra **LUIZ GUILHERME SÁ DE GUSMÃO**, o Presidente da CAPES **ABÍLIO BAETA NEVES**, representando aqui o Ministro da Educação, o Presidente do CNPq, **MÁRIO NETO BORGES**, o Presidente da FINEP, **MARCOS CINTRA**, o Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, Deputado Estadual **PEDRO FERNANDES**, cumprimento também o grande amigo da ciência brasileira acadêmico **AMÉRICO FIALDINI**, Diretor Presidente da Conrado Wessel, e “last but not least”, duas companheiras de lutas **HELENA NADER**, Presidente da SBPC e **ZAIRA TURCHI**, Presidente do Conselho Nacional de Fundações de Amparo à Pesquisa, CONFAP. Cumprimento ainda o Prof. **SAMUEL GOLDENBERG** pelo Prêmio Alvaro Alberto, bem como os novos membros da ABC e os novos pesquisadores eméritos do CNPq. De forma especial, cumprimento meu antecessor na Presidência da Academia Brasileira de Ciências, Prof. **JACOB PALIS**. O Prof. Jacob Palis merece o reconhecimento da comunidade científica e da sociedade brasileira por seu importante trabalho à frente da ABC.

Esta cerimônia é um grande momento na vida da Academia Brasileira de Ciências. É um momento de reconhecimento da excelência da ciência brasileira e de seus colaboradores internacionais. Este é um papel nobre da ABC: promover o predomínio do mérito e da excelência na ciência.

Mais que isso, a ABC é, hoje em dia, um centro de pensamento sobre o Brasil, com estudos aprofundados e propostas de políticas públicas para a educação, a saúde,

os recursos hídricos e minerais, a exploração sustentável dos biomas nacionais.

Agora mesmo, temos o Projeto de Ciência para o Brasil, que está reunindo um grande número de membros da ABC, participando, voluntariamente e sem remuneração, em grupos de estudos sobre diversas áreas da ciência, apontando os caminhos para a desejada contribuição da ciência para o futuro do país. Temas relacionados a esse projeto estão sendo discutidos nesta Reunião Magna da ABC e o documento será finalizado nos próximos meses, circulando entre os membros da ABC antes de ser publicado.

Simpósios diversos, oficinas de trabalho, grupos de estudo, defesa da ciência, são as atividades que definem a alma da Academia Brasileira de Ciências. As ações da ABC no último ano estão descritas no relatório de atividades da ABC.

A participação dos acadêmicos é fundamental, para que possamos ampliar a contribuição da ABC para o Brasil. Convoco assim os novos (e antigos!) membros da Academia a participarem desse processo, nos grupos de estudos e, também, contribuindo com artigos para os Anais da Academia Brasileira de Ciências.

A ciência brasileira teve um grande desenvolvimento nas últimas décadas. O número de mestres e doutores quintuplicou desde 1996, com grande parte do crescimento ocorrendo fora do eixo Rio-São Paulo, o país está em 13º lugar em número de publicações, segundo rankings internacionais, e cientistas brasileiros ganham importantes prêmios internacionais.

Multiplicam-se histórias de sucesso de empresas nacionais, resultantes de aplicações tecnológicas da ciência brasileira: aumento expressivo da produtividade agrícola, exploração de petróleo em águas profundas, aviões com tecnologia nacional presentes em vários países, a maior indústria de compressores do mundo, exportação competitiva de cosméticos, parcialmente baseados na flora amazônica, enriquecimento de urânio para os reatores nucleares, startups inovadoras em parques tecnológicos.

Mas temos ainda um longo caminho a percorrer, ainda é grande a distância que nos separa dos países desenvolvidos. O investimento nacional em pesquisa e desenvolvimento estava próximo de 1% do PIB, antes do último corte orçamentário, que atingiu fortemente o orçamento de custeio e capital do MCTIC. A China já investe mais que 2% do PIB em P&D, a Coreia do Sul passa de 4%. Esses países consideram que a crise econômica global oferece uma janela de oportunidade para um reposicionamento no cenário global, através da inovação tecnológica, cada vez mais dependente da pesquisa científica no mundo atual.

É ainda reduzido o número de pesquisadores no Brasil, se considerarmos o tamanho de sua população, a necessidade de acelerar o desenvolvimento econômico e social e o potencial de exploração sustentável com agregação de valor, da enorme riqueza natural do país, nos recursos minerais, na Amazônia, no mar, no cerrado, nos biomas nacionais. Medidas urgentes, referentes à política educacional e de ciência e tecnologia, são necessárias para reverter esse quadro.

Eis que, na direção oposta, o governo brasileiro aplica cortes profundos no financiamento à ciência e à tecnologia,

ainda classificados como gastos, e não como investimentos. O orçamento para o ano de 2017 é cerca de metade do de 2005 e 1/3 do de 2013, corrigidos pela inflação. O que é agravado pelo fato de que esse orçamento inclui agora, também, o antigo Ministério das Comunicações. O corte linear de 44%, aplicado nos orçamentos dos Ministérios, exceto pelos de Educação e de Saúde, que são protegidos pela constituição, reflete a ausência de de um projeto de nação. A crise das FAPs contribui para completar um cenário de terror, de desperdício dos recursos investidos ao longo de décadas para a consolidação de grupos de pesquisa em todo o país. Abre-se mão assim do potencial da ciência e da tecnologia de contribuir fortemente para o aumento do PIB, para a saúde e bem-estar da população, para o protagonismo internacional do país e para a oferta de trabalho qualificado.

Mais ainda, vivemos quotidianamente sobressaltados com notícias preocupantes. Exemplos recentes são o desmatamento crescente da Amazônia e do cerrado, as pressões políticas para nomeações de pessoas sem a formação adequada para órgãos estratégicos, bem como as propostas de esfacelamento da estrutura do FNDCT, de subtração de seus recursos para objetivos estranhos ao fundo, de redirecionamento da missão de diversas FAPs, que vêm seus recursos reduzidos abaixo do mínimo constitucional, de editais que pretendem transferir atividades do INPE para empresas privadas. Essas ameaças têm levado a ABC e a SBPC a produzir um grande número de documentos, a tal ponto que Helena Nader e eu pensamos que poderíamos, quem sabe, caso nossos documentos não lograrem êxito, ganhar o Pulitzer, pela produção literária, como prêmio de consolação...

Em meio à crise que afeta o Brasil, a ABC saberá singrar mares revoltos, como fez várias vezes durante os seus 101 anos de vida. Defendendo a educação de qualidade para todos, a ciência de qualidade, lutando contra o obscurantismo que se nutre da ignorância e procurando instilar nos jovens a curiosidade, o espírito crítico e a paixão pelo conhecimento.

Cientistas que somos, estamos acostumados a resolver problemas com ousadia e paixão. Precisamos agora, mais que nunca, desses atributos, para ajudar o país a superar as barreiras políticas e econômicas que entravam o seu desenvolvimento e singrar rumo a um futuro sustentável e socialmente justo.